

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefone 36 69 12



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO DE LISBOA	
CORREIO DA MANHÃ		CAPITAL	
DIA		TARDE	
DIÁRIO			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO	30.DEZ.1979		

## SOUSA FRANCO ANALISA GOVERNO PINTASILGO:

# «HAVERIA QUE ESCOLHER ENTRE MIM E AS MEDIDAS TOMADAS»

Fundação Cuidar o Futuro

«Se alguma coisa tem marcado a minha actuação política, julgo eu, é uma exigência de ética e de consciência moral. Não pretendo ser Catão, mas hei-de lutar até ao fim da vida contra os Maquiavéis da pacotilha que por aí andam».

Assim começou por dizer Sousa Franco, um dos homens mais «difíceis» e desconcertantes da nossa praça política, na entrevista que concedeu a Marcelo Rebelo de Sousa e saiu publicada na última edição do semanário «Expresso». Apresentado, na curta introdução que antecede a entrevista, como pertencente, «até à medula do seu ser», à classe política portuguesa, apesar da relação de «nojo» que com ela diz manter, Sousa Franco, ex-dirigente do PSD, ex-ministro das Finanças do Governo Pintasilgo e possivelmente futuro dirigente de uma ASDI, que quer ser partido, apresenta nesta sua entrevista algumas «chaves» de interpretação para a actuação controversa e de certa forma pendular entre a

ruptura e a conciliação que soube manter no selo do recém demitido V Governo que, segundo as suas próprias palavras, «confundiu, por vezes, o desejo de atender ao social com a ignorância da escassez dos meios».

Desde logo — e apesar de se recusar a «dizer tudo» — Sousa Franco situa, de entre as suas discordâncias com o Governo Pintasilgo, uma de carácter «político»: os efeitos perniciosos que certas medidas governamentais tiveram na «imagem do Presidente Eanes». Isto, embora, como fez questão de frisar, não significasse «que alguém o pretendesse».

**«POR MEU INTERMÉDIO, TAIS MEDIDAS NUNCA TERIAM EXECUÇÃO»**

Aliás, mesmo antes de apontar a maioria das discordâncias «económicas» que manteve com o V Governo, Sousa Franco não deixou de fazer rasgados elogios quer à pessoa da eng.ª Lurdes Pintasilgo, quer à equipa em que estava integrado. Mas não esqueceu

também de referir certos «erros», como o programa de política externa, o «caso Trovada», o «caso Sousa Tavares» e, de uma maneira mais geral, «a sua imagem de realidade demasiado à esquerda», o «clima de populismo excessivo» que criou, e uma «evidente indefinição e falta de homogeneidade», motivada pelo «pluralismo interno», e que teve como consequência uma «identidão da decisão colectiva».

Já, então, concretamente sobre as divergências que teve como ministro das Finanças, Sousa Franco diria: «Penso que a política financeira é uma coisa com que o ministro das Finanças tem qualquer coisa a ver. E foi quando, numa resolução de alcance imediato, se decidiu baixar de um ponto a taxa de juro — sem qualquer estudo preparatório dessa medida nem audição do Banco de Portugal, e contra a opinião formal do Ministério das Finanças — e se decidiu decretar a imediata redução do ritmo de desvalorização do escudo (que se vai travando, mas

com prudência) — foi nessa altura que entendi que, por meu intermédio, tais medidas nunca teriam execução. Haveria que escolher entre a minha presença no Governo e as medidas tomadas. Como *todo* o Governo, após as eleições, veio *afinal* (o sublinhado é nosso) a estar demissionário, penso que a escolha se tornou fácil».

A abolição do tecto salarial (que considerou uma «justa medida», mas que foi «tomada de forma errada»); a subida do valor das pensões (que igualmente considerou justa mas tomada de forma errada, por ir aumentar «incomportavelmente» o défice da segurança social); um Conselho Económico que «nunca funcionou a sério»; a não resolução de questões que eram de lhe exigir — como um Serviço de Informações; e, de uma maneira geral, «diversas medidas económicas incompatíveis com os objectivos anti-inflacionistas do Programa do Governo» — são outras tantas críticas concretas que Sousa Franco faz ao Governo Pintasilgo.

**«PANORAMA POLITICO NAO É ANIMADOR»**

Tirando desta sua curta estadia no Governo algumas «lições» — nomeadamente que, «mesmo no poder, é possível falar francamente dos *podres* que existem», e que «os problemas mais importantes são

de gestão, não de ideologia» — o ex-ministro das Finanças mostrou-se também interessado em ver, de entre as principais medidas do Governo a que pertenceu, «quais as que vão ser destruídas — talvez as mais progressivas, cujo futuro siga com interesse, designadamente o número fiscal — e quais ficarão».

De resto, a posição de Sousa Franco frente ao novo Governo AD — que considera de «direita» e com «ódio dentro de si» — caracteriza-se mais por um afastamento da cena política, rumo a um concurso para catedrático da Faculdade a que pertence, e menos por uma oposição política actuante, nomeadamente integrada na ASDI, que considera dever transformar-se em partido, embora não pretenda, para si, ser nele «muito mais» que militante.

Elogiando pessoalmente o prof. Cavaco e Silva, seu provável sucessor na pasta das Finanças — e a quem, indirectamente, como que aconselha a não se deixar ultrapassar nomeadamente «por Presidências do Conselho atingidas de mamutismo»... —, Sousa Franco não parece, no entanto, esperar muito do novo Executivo, principalmente quando diz que «o actual panorama político português, para quem tem um projecto de transformação social, a curto prazo, não é animador». — M.A.S.